

O SATÍRICO NA IMPRENSA DAS UNIDADES MILITARES DURANTE A GUERRA COLONIAL

JAIR RATTNER
ICNova
jair.rattner@gmail.com

Resumo

Criados com o objetivo de criar um espírito de corpo entre os combatentes na guerra colonial, os jornais das unidades militares estacionadas nos então chamados “territórios ultramarinos” tinham como característica o facto de a maior parte deles ter estrutura semelhante: uma carta do comandante, uma secção de informações sobre a unidade militar, um artigo do capelão, artigo ufanístico sobre a história de Portugal, histórias edificantes e uma parte de diversões e desportos, sendo que alguns deles também contavam com uma secção de cultura. No entanto, apesar de constituírem a defesa do projeto nacional de domínio daqueles territórios, vários desses jornais traziam textos e desenhos satíricos desalinhados com a posição dominante do regime. O tom crítico tinha como alvo a falta ou má qualidade do equipamento para o combate, à má qualidade da alimentação, à desorganização das estruturas militares e até à falta de sentido das ordens de comando. Este trabalho foi realizado com base em muitos dos mais de 240 jornais de unidades existentes na Biblioteca do Exército, tendo sido escritos em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Em relação à tipologia do satírico, foram identificadas algumas linhas mestras: a que tinha por alvo as ocorrências do dia a dia; a que visava as ineficiências militares/

situação do material; a que carregava contra as hierarquias militares; a procurava fazer humor em relação ao inimigo; a que tratava das relações entre militares e civis.

Palavras-chave

guerra colonial, imprensa das unidades, satírico

INTRODUÇÃO E ESTADO DA QUESTÃO

Os jornais de unidades militares, publicados durante a guerra colonial portuguesa (1961-1974), constituem até agora um terreno pouco explorado nos estudos da história do jornalismo em Portugal. De toda a bibliografia consultada, até agora apenas foram poucas as citações encontradas a respeito deles. Este é um primeiro estudo a respeito desta área, o que – como seria expectável – pode conter fragilidades tendo em consideração ser uma primeira abordagem e, portanto, não exaustiva, de um conjunto de materiais históricos.

No texto existente no catálogo da Biblioteca do Exército, escrito por Tengarrinha, é indicada a existência de 357 publicações, das quais 242 estariam disponíveis naquela biblioteca – até agora, apesar de ser esse o número no catálogo, só foi possível encontrar 240. Dois dos jornais, apesar de terem os seus nomes e unidades militares registados nos ficheiros eletrónicos, não foram encontrados para a consulta. Tengarrinha indica a importância do seu estudo para a compreensão do que foi a guerra colonial portuguesa:

Mas o maior surto [de publicações da imprensa militar das unidades] irá verificar-se na década que se inicia em 1961 e que regista muito maior número de periódicos (357) do que em todos os anos antecedentes (262). Tal fenómeno relaciona-se obviamente, com o eclodir da guerra colonial e o papel particularmente importante que a comunicação passa a ter nesse contexto. Não surpreende que, em tais condições, as publicações militares apresentem algumas características inovadoras. Em primeiro lugar, a dispersão dos efetivos por diferentes e distantes palcos, normalmente com dificuldade de comunicação expedita entre si, leva à necessidade de uma descentralização como nunca até aí se verificara em tais dimensões. Em consequência, as responsabilidades pela comunicação não se restringiram aos níveis superiores de comando, como era habitual, mas

pertenceram muito frequentemente a diferentes níveis hierárquicos. Por tudo isso, não se duvida que são fontes de muito valor para o estudo da guerra colonial na perspectiva inabitual dos múltiplos aspectos da comunicação escrita periódica a partir das forças armadas portuguesas. (Tengarrinha, 2003: 17)

Ainda que até agora não tenham sido encontradas as ordens superiores que determinassem a sua feitura, a ampla disseminação entre as unidades militares colocadas nos teatros de operações e a semelhança nas suas estruturas – com secções com os mesmos nomes nos vários jornais – fazem crer que tenham sido criados para criar espírito de corpo dentro das companhias e batalhões que se estavam a preparar para o combate. Ao mencionar os chamados jornais de trincheira da Primeira Guerra Mundial, Seal apresenta os seus objetivos como sendo ajudar a que os soldados aceitassem fazer parte de uma guerra sem sentido:

(...) the fundamental role of these extraordinary periodicals was a major reason for the willingness of soldiers to endure the palpable insanity to which they were consigned by forces beyond their control. The low level of refusal to obey clearly suicidal commands and the willingness to submit to, as well as to endure the unendurable remains a resonant question. (Seal, 2013: IX)

Uma característica da imprensa das unidades militares portuguesas é, segundo Gonçalves, que os jornais eram considerados como parte da guerra psicológica. Assim, eles dirigiam-se não apenas aos militares nas frentes de combate, mas também eram distribuídos à população civil das localidades, que os podiam ler. (Gonçalves, 2011: 25)

A existência de jornais de militares em situação de guerra é uma tradição de muitos exércitos. As primeiras publicações de que se tem notícia surgem durante a revolução de independência dos Estados Unidos, com a *South Carolina Gazette*, de 1782. Os primeiros franceses são o *France vue de l'Armée d'Italie* e *Le Courier de l'Armée d'Italie*, de 1796, ao passo que os pioneiros alemães e russos apenas aparecem em 1812 (Nelson, 2014: 2). Houve também jornais de soldados na guerra feitos durante a Guerra de Secessão norte-americana (Lutz, 1952) e no correr da Guerra Hispano-Americana, de 1898 – quando os norte-americanos conseguiram desmembrar Cuba e as Filipinas do domínio espanhol (Berkey, 2012).

A grande quantidade de jornais realizados por soldados durante conflitos ocorreu na Primeira Guerra Mundial. Nelson indica como condições para o surgimento desses jornais a permanência das tropas nos locais por largos períodos de tempo, a existência de condições técnicas para isso – impressoras – e haver um conjunto de soldados alfabetizados que poderiam ler esses jornais. Por falta de soldados letrados, Nelson, na palestra que fez no Memorial da Primeira Guerra Mundial, em Kansas City, indica que durante a Primeira Guerra, os russos não tiveram jornais. Da mesma forma, ele atribui não ter encontrado jornais de soldados durante a Segunda Guerra Mundial ao facto de que nesse conflito os soldados estavam sempre em movimento (Nelson, 2016).

No que toca à designação das publicações dirigidas aos soldados em conflito, foram encontradas três. Nelson, na tradição norte-americana, chama-os de jornais de soldados (*soldier newspapers*). Seal, que tem como foco as publicações australianas da Primeira Guerra Mundial, usa jornais de trincheira (*trench journals*). Em Portugal, são chamados de imprensa das unidades. A designação portuguesa reflete o facto de terem sido feitas dentro das estruturas militares, tendo como responsável o comandante da unidade militar de combate.

DESCRIÇÃO DA IMPRENSA DAS UNIDADES

No que diz respeito ao seu suporte a maior parte deles era mimeografada – em mimeógrafo a tinta, geralmente não em mimeógrafos a álcool. Havia, no entanto, alguns que eram impressos – números especiais ou jornais de unidades mais importantes, como escolas militares ou estruturas de comandos, que poderiam ter como objetivo um público leitor de maiores dimensões – e alguns poucos manuscritos, que poderiam ser colados em murais das unidades ou passados de mão em mão. Estes manuscritos não obedeciam à mesma estrutura de secções dos jornais com uma publicação impressa.

Num dos jornais o Sentinela do Sul, o major Pedroso Gonçalves descreve o que acredita que deva constituir o que chama de imprensa militar:

Entendo por Imprensa Militar uma imprensa essencialmente dirigida a um público

específico que é o militar e normalmente (mas não exclusivamente) contando com a colaboração de militares. (...)

PAPEL

Informar, esclarecer, formar, cooperar numa tarefa de educação ou de reeducação como qualquer Imprensa, discutir ideias e problemas, no âmbito que julgo ser-lhe próprio. (...)

O QUE UMA IMPRENSA MILITAR DEVE TRATAR

Com uma única restrição e essa é a *segurança militar*, designadamente no aspecto *contra-informação* a Imprensa Militar por que é Imprensa pode tratar todos os assuntos que interessam à Imprensa em geral. Admito que lhe sejam particularmente adequados certos temas de Epopeia Militar e de História Militar, na exacta medida em que deles se possam deduzir analogias válidas para situações em curso de evolução, questões de Etnologia, de Sociologia, de Religião, de Geografia Económica e Política e de Geopolítica. (...)

Mas notícias de carácter geral, curiosidades e passatempos não são descabidos, como o não são aspectos de Literatura, Arte ou Filosofia, dado que o militar não fica menos militar ao completar-se e desenvolver-se como homem. (...) uma Imprensa Militar tem um grande papel a cumprir: - colaborar na integração do soldado, na sociedade muito particular em que vai viver e que de forma geral conhece pouco e mal antes de com ela contactar. Pode e deve ajudá-lo a estudar o meio para cometer o mínimo possível de erros e conduzir-se como um irmão bravo e generoso, útil socialmente e modelar ao aspecto moral. (Sentinela do Sul, 1972 n°18/19: 4, 5 e 25)

A maior parte dos jornais tinha estrutura semelhante: uma carta do comandante – o responsável pela unidade era geralmente o editor responsável –; um artigo do capelão sobre temas religiosos ou sobre as festividades católicas; um artigo a respeito da história de Portugal, normalmente louvando feitos de personalidades que ajudaram a construir a identidade do país (desde Nuno Álvares Pereira, que comandou as tropas portuguesas na Batalha de Aljubarrota, Vasco da Gama, até outros heróis); conselhos de saúde; uma secção de cultura, que podia versar sobre filmes, músicas e que poderia incluir poesias e contos – algumas vezes escritos pelos próprios militares; textos sobre desportos, que podiam ser a respeito do que acontecia na metrópole ou nos jogos entre unidades militares; e não havia número sem uma parte dedicada ao humor, que podia ser constituída por anedotas breves, alguns textos

mais longos e, na maior parte das vezes, charges ou até banda desenhada.

Nem sempre, o material publicado era original. Por exemplo, as mesmas anedotas encontram-se dezenas de vezes em vários jornais ao longo de anos. O intercâmbio pode ser comprovado por este trecho do jornal *Armas e Varões*: ““Armas e Varões”, do Batalhão de Caçadores nº 13, agradece as seguintes publicações recebidas: Sentinela do Sul, O Barrote, Guerrilha, Despontar, Jornal do Exército, O Combatente (*Armas e Varões*, 1972, nº 13: 5)”.

O facto de terem sido feitos em uma situação muito próxima do isolamento – muitas vezes, as unidades militares ficavam durante largos períodos sem receber reabastecimentos de produtos alimentares ou munições – leva a crer que havia uma situação de menor controle das publicações por parte das estruturas hierárquicas superiores. Isso, apesar de vários jornais terem publicado elogios de oficiais responsáveis que os teriam lido.

O isolamento pode ser uma explicação para a existência de textos e charges que fugiam do que Calafate e Vecchi definem, ao falar de uma das vertentes da poesia durante a guerra colonial, como uma “retórica de uma ideia da pátria, de honra, de passado nacional, de mitologia atlântica, que motiva o dever de estar, em armas, em África” (Calafate e Vecchi, 2011: 29). Assim, entre muitos jornais que seguiam a retórica oficial, havia uma quantidade razoável que se opunha ao que era considerado como o discurso oficial do exército. Isto manifestava-se, em primeiro lugar no satírico.

O SATÍRICO

Em todas as suas utilizações, o satírico está ligado à ironia, que pode ser definida na sua forma mais simples como dizer alguma coisa pelo seu contrário. O contrário pode ser tanto no enunciado, como em contexto. Lausberg, explica:

A ironia é a utilização do vocabulário que o partido contrário emprega para os fins partidários, com a firma convicção de que o público reconhecerá a incredibilidade desse vocabulário. Deste modo, a credibilidade do partido que o orador defende é mais reforçada, de tal modo que, como resultado final, as palavras irónicas são compreendidas num sentido que é contrário ao seu próprio. (Lausberg, 1982: 164/165).

Platão considerava a sátira como um ato moral, cujo objetivo é ensinar e corrigir os costumes, como se depreende do trecho de Euthydeme, em que Clinias é interrogado pelos sofistas com a pergunta: Quem são os que aprendem, os que ignoram ou os que sabem? (Platão, 1989: 150-168).

Já no campo da literatura, o satírico é considerado como uma violação da herança, do que é consagrado, uma quebra do que é tradicional, esperado. (Seidel, 1979: XII) Segundo Jézéquel, “a sátira é um ataque, e o escritor satírico escreve sempre contra alguém” (Jézéquel, 1997: 12). Acho importante explicitar, ele escreve não apenas contra alguém, mas também contra uma situação específica.

Um bem elaborado levantamento das características da sátira foi realizado por Bakhtin, que indica a denominação “cômico-sério” para o satírico – nos estudos sobre o barroco, o satírico recebe a designação de joco-sério. Segundo Bakhtin, o ponto de partida do satírico é a atualidade viva; ele não se baseia no consagrado, mas na experiência de vida e na fantasia livre, tendo com o consagrado um tratamento profundamente crítico; rege-se por hibridismo formal, com uma pluralidade de estilos; procura a mistura do sublime com o vulgar, do sério e com o cômico, podendo intercalar gêneros literários e paródias; não abdica da liberdade temática que chega à hipérbole, provocando o sentimento de irrealidade; tem como marca a ambiguidade, que faz com que quem lê fique em dúvida se o texto é cômico ou sério; e busca um ponto de vista distanciado em relação ao tema, o que transmite uma visão inusitada do que é abordado (Bakhtin, 1981: 92-93).

Segue-se uma classificação tentativa do uso do satírico na imprensa das unidades militares portuguesas durante a guerra colonial. Numa primeira avaliação, foi possível dividir o satírico publicado nas seguintes categorias: o dia-a-dia; os militares e os civis; a situação militar/ineficiências; o inimigo; e as hierarquias militares.

O DIA-A-DIA

É a categoria que mais tem em comum com os jornais descritos pelos autores que se dedicam ao estudo das publicações da Primeira Guerra Mundial. São situações corriqueiras, em que se busca o humor leve. Eis alguns exemplos:

Na Figura 1 são apresentadas situações do recrutamento, em que praticamente qualquer indivíduo estava aprovado para o combate.



Figura 1.

Fonte: *O Facho*, 1966, n.º 14: 26



Figura 2.

Fonte: *A Capoeira*, 1966, n.º 2: 6

A Figura 2 constitui uma indicação de que havia na imprensa das unidades material de sentido crítico, ainda que disperso pelas publicações, entre textos anódinos ou outros conclamando à bravura e à luta.

Num artigo sobre a malária, a ilustração (Figura 3) procura fazer humor tendo em consideração as condições em que eram oferecidos os serviços.



Figura 3.

Fonte: *O Palanca*, 1966, n.º 5: 6.

Na charge apresentada na Figura 4, observa-se uma crítica política, que provavelmente não seria aprovada pelos serviços de censura numa publicação em Portugal.



Figura 4.

Fonte: *O Gládio*, 1969, n.º 2: 8

Um dos objetos mais comuns do humor eram os maçaricos, como eram chamados os soldados recém-chegados da metrópole, que não sabiam como estar no teatro de operações e se perdiam nas situações de guerra. Um exemplo dessa forma de sátira é apresentado na Figura 5.



Figura 5.

FONTE: *Jornal da RMA*, 1967, n.º 7: 17

Também entre os textos, há um objetivo de satirizar o dia-a-dia, como na página de humor do jornal *O Archeiro*, de Angola:

SELECIONANDO CANDIDATOS PARA A POLÍCIA

O Comissário-examinador pergunta ao primeiro dos candidatos:

- Quantos são dois mais dois?
- Quatro

- De novo: quantos são dois mais dois?

- Cinco

- Mais uma vez: quantos são dois mais dois?

- Seis

Decisão: aceito. Estúpido, mas capaz de progredir.

O Comissário volta-se para o segundo candidato:

- Quantos são dois mais dois?

- Cinco

- De novo: quantos são dois mais dois?

- Cinco

Decisão: aceito. Estúpido, mas resoluto.

O Comissário passa ao terceiro candidato.

- Quantos são dois mais dois?

- Quatro

De novo: quantos são dois mais dois?

- Quatro

- Mais uma vez: quantos são dois mais dois?

- Quatro.

Decisão: precisa ser reinquirido.

Provavelmente um intelectual. (*O Archeiro*, nº10, dezembro de 1973: 17)

OS MILITARES E OS CIVIS

As contradições entre a vida militar e a convivência com os civis é outro tema que é muito explorado no satírico da imprensa das unidades. Os exemplos mostram muito a mentalidade dos que escreviam nessas publicações, a sua relação com o diferente e com as populações locais.

Na Figura 6, um desenho do cartunista Augusto Cid, que depois veio a se tornar uma figura de relevo na imprensa portuguesa, faz-se humor com algo que muitas vezes acontecia no período em que os soldados estavam destacados nos territórios coloniais: a relação com nativas, gerando descendência. Normalmente, ao final da comissão de serviço, os filhos eram abandonados juntamente com as mães. No caso, o que desencadeia a tirada humorística é um soldado que traz para a metrópole uma criança negra.

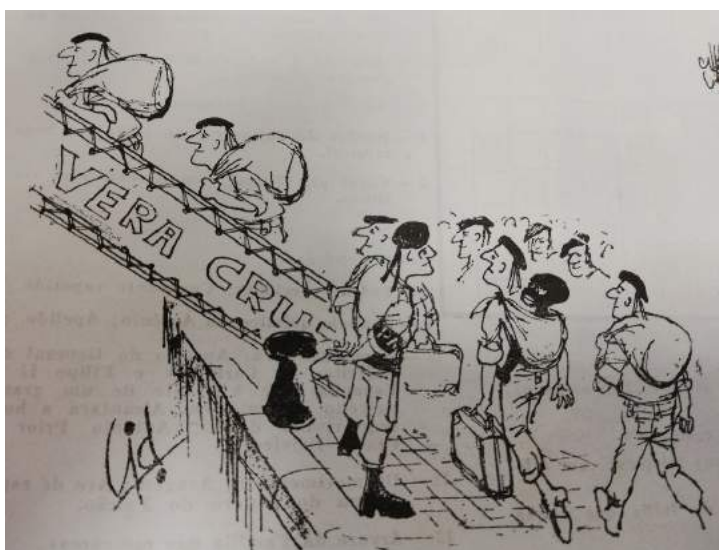


Figura 6.

Fonte: *O Quimbo*, 1965: 7

Na Figura 7 procura-se satirizar a relação entre os militares e as suas famílias. As implicações desse desenho podem estar relacionadas com a rigidez de alguns dos militares, mas também podem buscar ironizar os militares que buscavam compensar as situações de frustração.



Figura 7.

Fonte: *Tigres de Sanza*, 1973, n.º 3: 14

INEFICIÊNCIAS MILITARES – SITUAÇÃO DO MATERIAL

Um tema recorrente é a crítica à forma como era gerida a máquina de guerra, com uma falta constante de material ou na ausência de material de reposição, quando este se avariava. Faltava, pelo que se pode ler em muitos exemplares dos jornais de unidades, todo tipo de suprimentos, desde armamento, mantimentos, fardas e até rações de combate. A Figura 8 ridiculariza a inadequação do material de combate enviado às tropas.



Figura 8.

Fonte: *O Facho*, 1967: 23

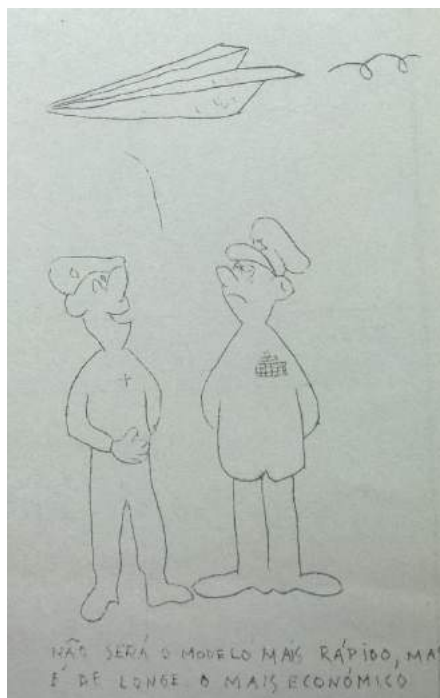


Figura 9.

Fonte: *Voz da Canda*, 1968, n.º 15: 12

Na mesma linha, encontra-se a crítica presente na Figura 9. A Figura 10 é mais explícita na sátira à falta de condições para enfrentar o inimigo. Sugere uma inferioridade do material de combate dos portugueses na frente de batalha.



Figura 10.

Também os textos nas páginas de humor revelam a ausência e o racionamento dos itens mais básicos e baratos necessários para o funcionamento das unidades de combate, mesmo os usados para as tarefas burocráticas:

“ASSIM VAI A MALTA

O Chefe de Contabilidade autorizou a saída de mais um lápis do C. A...”

(*O Diabo*, 1963, n.º 1: 2)

O INIMIGO

A representação do inimigo aparece normalmente procurando minorizá-lo ou desqualificá-lo. Um caso de humor é o revelado na Figura 11, em que o inimigo é representado como uma curvilínea mulher. O termo usado para os inimigos era turra, uma forma abreviada de terrorista. Muitas vezes, o objeto de humor era representar a inferioridade dos turras, como na Figura 12, em que uma representação

do que seria um “chefe turra” aparece como uma figura seminua, vivendo numa barraca sem condições, com adereços que indicam uma cultura considerada inferior:



Figura 11.

Fonte: *O Águia Negra*, 1966, n.º 11:13



Figura 12.

Fonte: *Flor do Congo*, 1966, n.º 2: 16

A palavra “turra” passou a ser parte do vocabulário dos soldados. Na Figura 13, uma página do jornal *Pongo*, apresentam-se vários jogos de palavras com este termo. Mais uma vez, apela-se à representação do turra como um indivíduo seminu, marcando a diferença cultural em que o inimigo tem uma condição de inferioridade em relação aos portugueses.

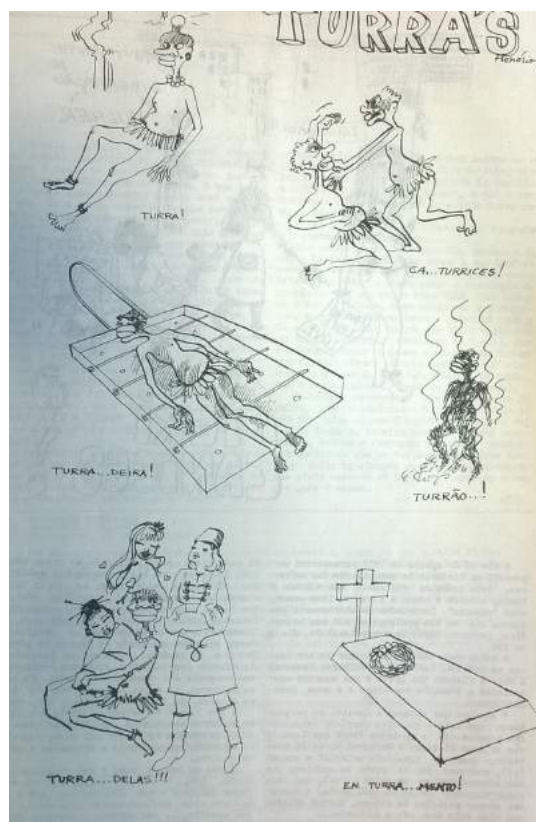


Figura 13.

Fonte: *Pongo*, 1971, n.º 5: 12

A HIERARQUIA MILITAR

A sátira também incluiu a hierarquia de comando, ou seja, a forma como os militares eram dirigidos na guerra. De forma às vezes surpreendente num regime autoritário, a crítica dirigia-se aos superiores, como se pode ver, por exemplo, na Figura 14, onde o comandante é apresentado como um indivíduo com a barba por fazer e mal fardado.



Figura 14.

Fonte: *O Dragão*, 1968, n.º 15: 13

A sátira, por vezes, poderia ser classificada como tendo um tom racista. É o que se vê na Figura 15, onde o sargento é chamado de “macaco”.



Figura 15.

Fonte: *Vamba News*, 1965,
n.º 5: 12

A ironia em relação à forma como os comandantes eram tratados vê-se, por exemplo, nesta curta tirada de humor.

“- O Comandante para a sentinela:

- Eu dei ordem para que pusessem aqui duas sentinelas! Como é que te encontras aqui sozinho?

- Muito aborrecido, meu Comandante, muito aborrecido!”

(Águias do Niassa, 1970, n.º 3: 17)

CONCLUSÕES

Sendo esta a primeira vez que a imprensa das unidades é apresentada, é provável que se encontrem aqui muitas lacunas. Trata-se de uma abordagem inicial, mas pode-se, a partir deste primeiro estudo, aferir que se trata de um material de importância para compreender não apenas o significado da guerra colonial para quem esteve nas frentes de combate, como também constitui elemento de importância da própria história do conflito.

Uma primeira constatação mostra-se relevante. A distância da metrópole e dos instrumentos do Estado para o controle do que era publicado na época – mais especificamente, das comissões de censura – deu à imprensa das unidades portuguesas uma liberdade para publicar críticas, condicionada apenas pela maior ou menor permissividade dos comandantes dessas unidades. Nas situações em que os comandantes permitiam, as unidades das frentes de combate usufruíam de uma liberdade muito mais ampla do que a vivida pela imprensa publicada tanto na metrópole quanto no restante dos territórios dominados pelos portugueses.

Não se pode esquecer que foram os militares que comandavam estas unidades – e que, por inerência, tinham o papel de editores destes jornais – que conduziram a revolta que gerou a mudança para a democracia em Portugal, em 25 de abril de 1974. O estudo aprofundado destes jornais poderá trazer contributos para uma área ainda inexplorada da formação da mentalidade desses militares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Berkey, J. (2012). Splendid Little Papers from the “Splendid Little War”: Mapping Empire in the Soldier Newspapers of the Spanish-American War. *The Journal of Modern Periodical Studies*, 3 (2): 158-174.
- Gonçalves, A. da R. (2011). *A ação do General Costa Gomes como Comandante Chefe em Angola (70-72)*. Dissertação de mestrado apresentada à Academia Militar. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7843/1/Tia%20Asp%20A1%20Cav%20Andr%C3%A9%20Gon%C3%A7alves.pdf>
- Jézéquel, M. da C. F. C. (1997). *Retórica da sátira em Mort a Crédit*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho.
- Lausberg, H. (1982). *Elementos de Retórica Literária*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lutz, E. (1952). “Soldier Newspapers of the Civil War”, in *The Papers of the Bibliographical Society of America*, (46-4) 373-385. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/24298547>
- Nelson, R. L. (2014). “Soldier Newspapers”, in *International Encyclopedia of the First World War*. [https://encyclopedia.1914-1918-online.net/pdf/1914-1918-Online-soldier_newspapers-2014-10-08.pdf]
- Nelson, R. L. (2016). “Escape from Total War: British, French & German Soldier Newspapers”. [Online] Consultado em 15/9/2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=H8_IYF--I7A
- Ribeiro, A. C. R. (2009). A utopia e a sátira. *Morus – utopia e renascimento*, (6) 139-147 [<http://revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/72/57>]
- Ribeiro, M. C. & Vecchi, R. (org.) (2011). *Antologia da memória poética da guerra colonial*. Lisboa: Afrontamento.
- Seal, G. (2013). *The Soldier’s Press – trench journals in the first world war*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Seidel, M. (1979). *Satiric Inheritance, Rabelais to Sterne*. Princeton: Princeton University Press.
- Tengarrinha, J. (2003). Um trabalho pioneiro na comunicação militar. In A. R. Soares (dir.). *Catálogo da Biblioteca do Exército*. Lisboa: Biblioteca do Exército.

Jornais citados

- A Capoeira - jornal do Bat. de Art. 1869. Publicação mensal de humorismo e cultura*, ano I, nº 2, agosto de 1966, Angola.
- Águias do Niassa (1970), nº 3, Batalhão de Artilharia 2898, Moçambique.
- Armas e Varões* (1972), nº 13 de 31 de agosto. Batalhão de Caçadores, Angola.
- Flor do Congo* (1966), nº 2, Batalhão de Caçadores 774, Angola.
- Jornal da RMA* (1967), nº 7, RMA, Angola.

- O Águia Negra* (1966), nº 11, Batalhão de Caçadores 1867, Angola.
O Archeiro (1973), nº 10. Batalhão de Caçadores 3879, Angola.
O Dragão (1968), nº 15, Batalhão de Cavalaria 1883, Angola.
O Facho (1966), nº 14. Agrupamento 21, Angola.
O Facho (1967) nº 23, Batalhão de Artilharia 33, Angola.
O Palanca (1966), nº5, Batalhão de Artilharia 1853, Angola.
O Quimbo (1965), B. Cav. 1863, Angola.
Pongo (1971): nº 5, Batalhão de Caçadores 2919, Angola.
Tigres de Sanza (1973), nº 3, Batalhão de Caçadores 4511, Angola.
Vamba News (1965), nº5, Batalhão de Caçadores 547, Angola.
Voz da Canda (1968), nº 15, Batalhão de Caçadores Nº 1895, Angola.